

Doutrinas sobre o Ministério: O Chamado e o Serviço Cristão – Uma Análise Teológica e Prática para o Século XXI

I. Introdução: O Ministério como Dádiva e Propósito Divino

O ministério cristão, em sua essência, transcende a mera concepção de uma carreira ou ocupação humana; ele se manifesta como uma dádiva divina, concedida à Igreja para a concretização dos propósitos eternos de Deus. A etimologia da palavra "dom" (grego: δόρῆμα), frequentemente empregada em passagens que abordam os dons espirituais, como em 1 Coríntios 12:4-11, sugere que os ministros são, de fato, presentes divinos entregues à Sua Igreja.¹ Esta perspectiva teológica fundamental estabelece que Cristo não delega o ministério para que o ser humano o possua como uma propriedade, mas o confia como um instrumento vital para a execução de Sua vontade soberana na Terra.¹ Tal compreensão redefine radicalmente a natureza da liderança e da obra de Deus, transformando-a de uma posse pessoal em uma mordomia sagrada, exigindo humildade e submissão contínua à direção divina.¹

Desde os primórdios do Antigo Testamento, a narrativa bíblica ilustra consistentemente a iniciativa divina no chamado e na capacitação de indivíduos para servi-Lo em funções específicas. Esta trajetória histórica revela que o ministério está intrinsecamente vinculado a um chamado sobrenatural e a um serviço caracterizado pela abnegação. Este relatório se propõe a explorar as doutrinas basilares que sustentam o ministério cristão, desde a origem e o discernimento do chamado divino, passando pela essência do serviço genuíno e os desafios inerentes à liderança contemporânea, até culminar na urgência da missão global e na importância do avivamento espiritual como força motriz para um serviço frutífero e impactante.

II. O Chamado Divino: Origem, Natureza e Discernimento

A Soberania de Deus no Chamado

A Bíblia, em suas diversas narrativas, oferece um testemunho inequívoco da soberania de Deus na escolha e capacitação de indivíduos para o ministério, frequentemente selecionando pessoas que, sob uma ótica puramente humana, poderiam ser consideradas imperfeitas ou inadequadas. Moisés, por exemplo, apesar de sua autodeclarada dificuldade de fala, descrita como "gagueira" em Êxodo 4:10, foi

divinamente comissionado para liderar o povo de Israel para fora do Egito. A provisão de Arão como seu porta-voz (Êxodo 4:14-16) ilustra que a eficácia do ministério não reside na habilidade intrínseca do indivíduo, mas na obediência e na capacitação divina.²

A genealogia de Jesus, meticulosamente registrada em Mateus 1:1-17, serve como uma poderosa ilustração deste princípio. Nela, figuram indivíduos com notáveis falhas morais e éticas, como Abraão, que mentiu sobre sua esposa; Judá, envolvido em promiscuidade; Davi, culpado de adultério e assassinato; Raabe, uma prostituta; e Manassés, um rei tirano.⁵ A inclusão desses personagens na linhagem messiânica não é acidental, mas um testemunho da perfeição dos propósitos divinos que se manifestam mesmo em meio às imperfeições humanas. Este registro genealógico sublinha que o plano de salvação em Cristo foi estabelecido e executado através de pecadores que foram redimidos, demonstrando que a graça de Deus opera independentemente do mérito humano.⁵

O apóstolo Paulo, um dos pilares do cristianismo primitivo, é outro exemplo paradigmático. Ele, que antes de sua conversão foi um "blasfemo, perseguidor e opressor" da Igreja, foi considerado fiel e designado para o ministério por Cristo Jesus (1 Timóteo 1:12-16). Sua vida e serviço se tornaram um testemunho principal da imensa paciência de Deus, que estende Sua graça até mesmo aos mais notórios pecadores.⁶ Além disso, a Bíblia registra episódios em que indivíduos com intenções hostis, como o rei Saul, foram momentaneamente tomados pelo Espírito de Deus, profetizando contra sua própria vontade de perseguir a Davi (1 Samuel 19:23-24).

Isso ressalta a soberania divina, que pode influenciar até mesmo aqueles que se opõem a Seus planos.¹⁰ Sansão, um juiz de Israel, apesar de suas fraquezas morais e envolvimento com Dalila, continuou a ser usado pelo Espírito do Senhor, evidenciando que o pecado pode enfraquecer o indivíduo, mas Deus é capaz de restaurar e operar em meio à fragilidade humana (Juízes 16:1-20).¹² Até mesmo Caifás, o sumo sacerdote, profetizou sobre a morte de Jesus pela nação, não por sua própria iniciativa, mas por ser o sumo sacerdote naquele ano, revelando que a soberania divina pode utilizar até mesmo aqueles que, sem intenção, contribuem para o cumprimento dos planos de Deus (João 11:51-52).¹⁶

A igreja em Corinto, apesar de sua notória carnalidade, divisões e invejas (1 Coríntios 3:1-3), ainda era descrita por Paulo como "lavoura de Deus e edifício de Deus", e seus membros eram "crianças em Cristo".¹⁸ Isso demonstra que Deus trabalha e edifica Sua

Igreja mesmo em meio à imaturidade e às falhas da comunidade. O próprio Paulo, em sua magnanimidade, expressou alegria pelo fato de Cristo ser pregado, mesmo que as motivações por trás dessa pregação fossem impuras, como inveja e rivalidade, pois o objetivo final era a disseminação do evangelho (Filipenses 1:15-18).²⁰

A perspectiva teológica que emerge desses exemplos é a de que o ministério não é uma honra que o indivíduo assume por si mesmo, mas um chamado direto e soberano de Deus, conforme o modelo de Arão (Hebreus 5:4).²² A vocação específica para o ministério é caracterizada por uma harmonia intrínseca entre o chamado divino e os dons espirituais concedidos à pessoa. Deus não convoca indivíduos para ministérios sem que lhes conceda os dons correspondentes para o exercício dessas funções.¹ A verdadeira liderança cristã, portanto, é definida pela humildade, pela servidão e pela submissão incondicional à vontade de Deus.

O reconhecimento de que a autoridade ministerial emana do próprio Cristo, e não da competência ou escolha humana, é fundamental para evitar a apropriação indevida do chamado.¹ A rebelião de Coré, Datã e Abirão contra Moisés e Arão, registrada em Números 16:1-32, serve como um sombrio exemplo bíblico da insubmissão à autoridade divina e do perigoso desejo de status em detrimento do serviço. Ministérios iniciados por orgulho, em vez de um chamado genuíno de Deus, são um alerta contra a rebeldia espiritual e suas consequências devastadoras.²⁵

Processo de Discernimento do Chamado

O discernimento do chamado ministerial, embora seja uma experiência profundamente pessoal e íntima com Deus, não é um processo isolado. Pelo contrário, ele se desenvolve e é afirmado no contexto da comunidade de fé. A Igreja, como corpo de Cristo, desempenha um papel crucial não apenas na validação de um chamado, mas também no discernimento e na confirmação da obra do Espírito Santo na vida de um indivíduo. A congregação, ao observar a maturidade espiritual e os dons ministeriais manifestados em seus membros, tem a responsabilidade de oferecer encorajamento e servir como modelos positivos para aqueles que consideram o ministério.²⁸ Esta validação comunitária é um pilar para a legitimidade e a resiliência do ministério.

A ausência de uma afirmação comunitária pode, por outro lado, levar ao surgimento de ministérios autoproclamados e, conseqüentemente, problemáticos. A busca individual pelo

discernimento do chamado, quando desacompanhada da validação e do apoio da comunidade de fé, pode fragilizar a legitimidade e a resiliência do ministério. Em contraste, a colaboração entre a convicção pessoal e a afirmação eclesial fortalece a base sobre a qual o serviço é construído. A falta de escrutínio e de prestação de contas à comunidade pode resultar em ministérios fundamentados no orgulho e na insubmissão, como o caso da rebelião de Coré ²⁵, que inevitavelmente acarretam consequências negativas e divisões no corpo de Cristo.

A fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas é um elemento encorajador no processo de discernimento. O Senhor "vela sobre a Sua palavra para a cumprir", o que significa que Ele está ativamente vigilante para realizar todos os Seus planos e promessas, inclusive aquelas relacionadas ao chamado individual (Jeremias 1:12).³⁰ A natureza imutável do propósito de Deus para com os herdeiros da promessa é confirmada por juramento (Hebreus 6:17-18), oferecendo um encorajamento firme àqueles que buscam refúgio Nele para tomar posse da esperança proposta.³² Este princípio divino assegura que o chamado não é uma ilusão, mas uma realidade que Deus se empenha em concretizar.

A soberania de Deus na escolha de Seus servos, independentemente de suas imperfeições, é um tema central nas Escrituras. A análise dos textos bíblicos revela um padrão consistente: Deus seleciona e utiliza indivíduos com falhas notáveis, como Moisés, os ancestrais de Jesus, Paulo, Sansão, Saul e Caifás, e até mesmo a igreja de Corinto em sua imaturidade. Esta não é uma anomalia, mas uma característica intrínseca da operação divina. A eficácia do ministério cristão, portanto, não reside na capacidade intrínseca do indivíduo, mas na capacitação divina, conforme Paulo testifica que o poder de Cristo "se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Coríntios 12:9).³⁴ Esta compreensão desafia a autossuficiência humana e promove uma profunda dependência de Deus. A fraqueza humana, nesse contexto, torna-se um canal para a manifestação do poder divino, garantindo que toda a glória do ministério seja atribuída a Ele, e não ao homem. Esta perspectiva é crucial para cultivar a humildade nos líderes e a esperança naqueles que aspiram ao ministério, combatendo a pressão cultural por líderes "perfeitos" ou meramente carismáticos. Para a Igreja, isso implica um foco na capacitação divina e na formação de caráter, em vez de apenas habilidades naturais, e na aceitação e apoio a líderes que, como todos, são falhos, mas fiéis ao seu chamado.

O papel da comunidade como mecanismo de afirmação divina é igualmente crucial. Embora o chamado seja pessoal e divino, o processo de discernimento envolve intrinsecamente a comunidade. A Igreja não apenas "valida" um chamado, mas atua como um corpo que discerne e confirma a obra do Espírito na vida de um indivíduo. A ausência dessa validação comunitária pode, como visto no caso de Coré, levar a ministérios autoproclamados e, conseqüentemente, problemáticos.²⁵

A eclesiologia bíblica enfatiza a interconexão e a responsabilidade mútua, onde o chamado individual é intrínseco à vida do corpo de Cristo. A busca individual pelo discernimento do chamado, aliada à afirmação e ao apoio da comunidade de fé, fortalece a legitimidade e a resiliência do ministério. Por outro lado, a ausência de validação comunitária pode resultar em ministérios baseados no orgulho e na insubmissão, que, como a rebelião de Coré ²⁶, trazem conseqüências negativas e divisões. Este ponto sublinha a importância de estruturas eclesiais saudáveis para o acompanhamento e a formação de líderes, sugerindo que o isolamento no ministério é perigoso e que a prestação de contas à comunidade é vital. Para as igrejas, isso implica a necessidade de desenvolver processos claros de discernimento e apoio pastoral, evitando tanto a imposição de chamados quanto a falta de escrutínio.

III. A Essência do Serviço Cristão: Fé, Obras e Propósito

Serviço Genuíno vs. Motivações Impuras

A doutrina fundamental da salvação cristã é clara: ela é concedida pela graça de Deus, por meio da fé, e não como resultado de obras humanas, para que ninguém possa se orgulhar (Efésios 2:8-9).³⁶ A fé, e não o esforço humano, é atribuída como justiça àqueles que creem naquele que justifica o ímpio (Romanos 4:5-6).³⁸ No entanto, a relação entre fé e obras é frequentemente mal compreendida. Jesus advertiu que "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade do meu Pai" (Mateus 7:21).⁴⁰ Ele prosseguiu, afirmando que muitos, no Dia do Juízo, alegarão ter profetizado, expulsado demônios e realizado milagres em Seu nome, mas Ele lhes dirá: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de Mim, os que praticais a iniquidade" (Mateus 7:22-23).²¹ Esta passagem crucial indica que as obras, por mais impressionantes que pareçam, não garantem a salvação se não forem o fruto de um relacionamento genuíno e íntimo com Cristo. A hipocrisia e a ausência de comunhão com Jesus são o cerne da questão, e não a mera falta de boas ações.⁴²

O perigo da hipocrisia e da busca por glória pessoal é uma constante no ministério. O apóstolo Paulo, embora tenha se alegrado que Cristo fosse pregado mesmo por motivos impuros como inveja e rivalidade, pois o foco era a disseminação da mensagem (Filipenses 1:15-18)²⁰, também alertou sobre aqueles que causam divisões e escândalos, servindo a si mesmos e não a Cristo, utilizando "palavras suaves e lisonjas" para enganar (Romanos 16:17-18).⁴⁶ Jesus, em Sua repreensão aos líderes religiosos de Sua época, criticou a busca pelos primeiros lugares em banquetes, as cadeiras de honra nas sinagogas e as saudações nas praças, evidenciando a busca por glória humana (Mateus 23:6-7).⁴⁸

O Modelo de Serviço de Jesus Cristo

Jesus Cristo é o paradigma supremo do serviço cristão. Ele ensinou que a verdadeira grandeza no Reino de Deus reside na servidão, afirmando que o maior entre os discípulos deveria ser servo. Ele mesmo personificou este princípio ao vir não para ser servido, mas para servir, e demonstrou isso de forma tangível ao lavar os pés de Seus discípulos (Lucas 22:27; João 13:15).⁵⁰

A humildade e o sacrifício são os pilares inegociáveis deste modelo de serviço. Cristo Jesus, apesar de Sua natureza divina, "esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos. E, reconhecido em figura humana, ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz" (Filipenses 2:6-8).⁵² A humildade, nesse contexto, é a disposição de "abaixar-se" e servir por amor genuíno, sem qualquer cálculo de vantagem ou glória pessoal.⁵⁴ Pedro exorta os crentes a se revestirem de humildade, pois "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (1 Pedro 5:5-6).⁵⁵ A vontade de Deus esteve sempre acima da vontade humana para Jesus. Ele se deleitava em fazer a vontade do Pai, tendo a lei divina em Seu coração (Salmo 40:7-8).⁵⁹ Sua entrega sacrificial, como oferta a Deus, é o ápice de Seu serviço (Efésios 5:2).⁶⁰

O Ministro como Mordomo e Embaixador de Cristo

A responsabilidade do ministro cristão é dupla: ser um mordomo dos mistérios de Deus e um embaixador de Cristo no mundo. Os ministros de Cristo são chamados a ser "despenseiros dos mistérios de Deus", e a principal exigência para um despenseiro é que seja fiel (1 Coríntios 4:1-2).⁶² Isso implica uma responsabilidade sagrada de gerenciar e comunicar a verdade divina com integridade e diligência.

Além disso, os ministros são "embaixadores de Cristo, como se Deus por nós rogasse", com a missão de suplicar aos homens que se reconciliem com Deus (2 Coríntios 5:20).⁶⁴ Aquele que recebe um ministro, na verdade, recebe a Cristo, e quem recebe a Cristo, recebe Aquele que O enviou (Mateus 10:40).⁶⁸ O profeta Jeremias foi divinamente comissionado a ser a "boca" de Deus, separando o precioso do vil (Jeremias 15:19), estabelecendo um modelo para o porta-voz divino.⁷⁰

Uma análise aprofundada da relação entre fé, obras e propósito no ministério cristão revela uma distinção crucial entre a salvação por obras e o serviço impulsionado pela fé. Existe uma aparente contradição entre a salvação concedida pela graça (Efésios 2:8-9) ³⁶ e a condenação de "fazedores de milagres" em Mateus 7:22-23.⁴² A resolução dessa tensão reside na motivação e na fonte das obras. Obras realizadas com o intuito de ganhar a salvação ou para glória pessoal são classificadas como "iniquidade" (Mateus 7:23) ⁴⁴, pois revelam a ausência de um relacionamento genuíno com Jesus, que declara: "Nunca vos conheci".⁴² Em contraste, as obras que fluem de uma fé salvadora e de um coração transformado são o

fruto natural da obediência à vontade de Deus (Mateus 7:21).⁴⁰ A confiança na salvação por obras pode levar a um serviço motivado por autojustiça ou reconhecimento humano (Filipenses 1:15-18) ²⁰, resultando em uma desconexão com Cristo e invalidando o ministério aos olhos de Deus. Por outro lado, a compreensão da salvação pela graça produz um serviço motivado por amor e gratidão (Romanos 5:5) ⁷², que é o verdadeiro fruto da fé (Mateus 7:20) ⁴⁰ e glorifica a Deus. Esta compreensão é um alerta crucial para todos os envolvidos no ministério: a atividade religiosa intensa sem uma profunda comunhão com Cristo é espiritualmente vazia. Ela encoraja a autoavaliação contínua das motivações e a priorização do relacionamento com Deus acima do desempenho, e para as igrejas, a necessidade de ensinar uma teologia robusta da graça e da fé, prevenindo o legalismo e o ativismo desprovido de espiritualidade.

A liderança serva também apresenta um paradoxo de autoridade. Os ministros são chamados a ser "embaixadores" ⁶⁶ e "despenseiros" de Cristo ⁶², o que naturalmente implica autoridade e responsabilidade delegadas por Deus. Contudo, Jesus modelou a liderança como um serviço humilde (Lucas 22:27) ⁵⁰ e sacrificial (Filipenses 2:8).⁵² Essa tensão surge da propensão humana de perverter a autoridade em dominação ou busca por proeminência, como exemplificado pela hipocrisia dos fariseus que buscavam os primeiros lugares (Mateus 23:6) ⁴⁸ e o medo dos líderes religiosos de perder poder diante

de Jesus (João 11:47-48).⁷³ A verdadeira autoridade espiritual no Reino de Deus é contracultural, manifestando-se através da humildade, do sacrifício e do serviço aos outros, em vez de poder hierárquico ou controle. A adoção de modelos de liderança mundanos ou autoritários ⁷⁴, frequentemente impulsionada pela busca de proeminência ou pelo medo de perda de controle, pode levar ao abuso de poder ⁷⁶ e a uma liderança controladora ⁷⁸ que prejudica a saúde da igreja. Em contraste, a submissão ao modelo de Cristo como servo ⁵⁰ e a prática da humildade ⁵² resultam em uma liderança espiritual autêntica que edifica o corpo de Cristo e glorifica a Deus. Este aspecto desafia as igrejas a redefinir a liderança à luz dos princípios bíblicos, priorizando o caráter e o serviço sobre o carisma ou a capacidade administrativa, e a implementar mecanismos de prestação de contas que protejam a comunidade de líderes que buscam o poder para si mesmos.

IV. Liderança Espiritual: Qualidades, Desafios e Resiliência

Características de uma Liderança Aprovada

A liderança espiritual eficaz, conforme delineada pelas Escrituras, é multifacetada e exige um conjunto de qualidades que vão além das habilidades naturais. A dependência do Espírito Santo é o fundamento. A capacitação para o ministério não é inerente ao indivíduo, mas provém do poder do Espírito Santo (Atos 1:8).⁷⁹ Esta é a promessa do Pai, que reveste os crentes de poder do alto (Lucas 24:49).⁸¹ O Espírito da verdade habita e permanece nos crentes, guiando-os e consolando-os (João 14:17).⁸³ Uma liderança espiritual genuína não é auto constituída, mas é capacitada pelo Espírito Santo, que opera através do líder em um grau superior.⁸⁵

O conhecimento e o manejo da Palavra de Deus são indispensáveis. O obreiro aprovado é aquele que "maneja corretamente a palavra da verdade" (2 Timóteo 2:15) ⁸⁶, sendo apto para ensinar e convencer os contradizentes com a sã doutrina (Tito 1:9).⁸⁸ A formação teológica contínua, portanto, é crucial para a interpretação bíblica precisa e a contextualização com os dilemas da sociedade moderna, capacitando o pastor a instruir a igreja e a cumprir seu ofício de forma responsável.⁹⁰

Zelo, amor e cuidado pelo rebanho são qualidades pastorais essenciais. Líderes devem pastorear o rebanho de Deus "não por constrangimento, mas espontaneamente; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores... antes, tornando-se modelos do rebanho" (1 Pedro 5:2-3).⁹² O zelo pela obra de Deus exige obediência e prontidão, sem preguiça, servindo ao Senhor com fervor de espírito (Romanos 12:8,

Romanos 12:11).⁹⁴ O amor de Deus, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, é a fonte que nos capacita a amar e servir (Romanos 5:5).⁷²

A humildade é uma virtude cardinal na liderança cristã. As Escrituras afirmam que Deus "resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (1 Pedro 5:5).⁵⁷ A humildade na liderança cristã implica ter os mesmos sentimentos de Cristo Jesus, que se humilhou e foi obediente até a morte, servindo por amor e não por cálculo ou vantagem pessoal.⁵⁴

Por fim, a visão é um atributo vital. Um líder bem-sucedido possui uma vida de testemunho irrepreensível e busca diligentemente cumprir os princípios de Deus, discernindo o tempo e a oportunidade.¹⁸⁹ A liderança bíblica é intrinsecamente ligada ao serviço com humildade e responsabilidade, guiando com amor, justiça e obediência a Deus, e priorizando o bem-estar dos outros.¹⁰⁰

Desafios e Pressões no Ministério Contemporâneo

O ministério pastoral na era contemporânea enfrenta uma miríade de desafios e pressões que podem impactar profundamente a saúde e a resiliência dos líderes.

Tabela 1: Estatísticas de Saúde Mental e Abandono Ministerial

Problema/Motivo	Porcentagem de Pastores Afetados (EUA/Brasil)	Fonte Principal
Depressão	56% (EUA)	World Vision International & Barna Group ¹⁰¹
Sentimento de Solidão e Isolamento	65% (EUA)	World Vision International & Barna Group ¹⁰¹
Risco de Burnout (Esgotamento)	1 em cada 3 (EUA); 82,5% (Brasil)	World Vision International & Barna Group ¹⁰¹ , Silva (2006) ¹⁰²
Conhece colega que deixou ministério por burnout	76% (EUA)	World Vision International & Barna Group ¹⁰¹

Principais Razões para Considerar Deixar o Ministério (Barna Group, 2021)		
Imenso Estresse do Trabalho	56%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Sentir-se Solitário e Isolado	43%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Divisões Políticas Atuais	38%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Descontentamento com o Efeito na Família	29%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Falta de Otimismo sobre o Futuro da Igreja	29%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Conflito de Visão com a Direção da Igreja	29%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Igreja em Constante Declínio	24%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Não se Sentir Respeitado pelos Congregados	21%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Não se Sentir Equipado para Lidar com Demandas	19%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Falta de Apoio da Equipe	12%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Chamado para Outra Profissão	10%	Barna Group (2021) ¹⁰³
Crise Pessoal de Fé	6%	Barna Group (2021) ¹⁰³

Problemas Financeiros e Orçamentários	Significativos	TCU ¹⁰⁴ , Pesquisa (2006) ¹⁰⁶
---	----------------	--

A tabela acima demonstra a gravidade dos desafios de saúde mental e a alta incidência de burnout entre os líderes religiosos. Uma pesquisa internacional revelou que 56% dos líderes religiosos nos EUA enfrentam depressão, e 65% se sentem solitários e isolados.¹⁰¹ Adicionalmente, um em cada três pastores corre risco de esgotamento, e impressionantes 76% dos líderes conhecem pelo menos um colega cujo ministério foi encerrado devido a burnout.¹⁰¹ No contexto brasileiro, uma pesquisa de Silva (2006) indicou que 82,5% dos pastores apresentam algum sintoma de esgotamento.¹⁰² Os principais motivos que levam pastores a considerar deixar o ministério incluem o imenso estresse do trabalho (56%), sentimentos de solidão e isolamento (43%), e divisões políticas (38%).¹⁰³ Problemas financeiros e orçamentários também são causas significativas para a paralisação de projetos e o abandono de funções.¹⁰⁴

A tentação do poder e da dominação é um risco constante. A distinção entre "ter um ministério" – que pode implicar uma postura de posse e a busca por glória pessoal – e "ser dado ao ministério" – que exige submissão à vontade de Deus – é crucial para evitar a corrupção do chamado.¹ Líderes religiosos na época de Jesus, por exemplo, temiam perder poder e influência, conspirando contra Ele por receio de que a aclamação popular de Jesus como rei atraísse a atenção romana e resultasse na perda de seu controle religioso (João 11:47-48).⁷³ A rebelião de Coré foi motivada por um desejo de poder e influência, desafiando a ordem divina (Números 16:1-32).²⁶

A rebelião é comparada ao pecado de feitiçaria e a obstinação à idolatria (1 Samuel 15:23).¹⁰⁹ Jesus criticou a busca pelos primeiros lugares e títulos de honra (Mateus 23:6-7).⁴⁸ Historicamente, a história registra que Deus tem sido usado por pessoas e instituições para justificar atrocidades e maldades, incluindo intolerância religiosa e perseguição, revelando o perigo inerente ao abuso de poder em nome da fé.⁷⁶ A igreja, por sua própria natureza, não deve ser controladora, pois isso corrompe sua essência e a desvia da devoção a Cristo, muitas vezes por meio de falsos líderes que promovem a submissão cega.⁷⁸

A importância do apoio congregacional e do reconhecimento é vital para a resiliência ministerial. A falta de apoio da comunidade e a ausência de respeito por parte dos

congregados são razões significativas pelas quais pastores consideram deixar o ministério.¹⁰³ É fundamental que a igreja reconheça aqueles que trabalham entre eles, que presidem no Senhor e os admoestam, tendo-os em grande estima e amor por causa de sua obra (1 Tessalonicenses 5:12-13).¹¹¹ A satisfação dos membros com a liderança local é um indicador importante da saúde da igreja, e o apoio da família e da comunidade são fatores que contribuem diretamente para a resiliência pastoral.¹⁰³

Os desafios da profissionalização e governança também são prementes. O ministério pastoral no Brasil contemporâneo exige uma liderança que vá além do modelo tradicional, atenta às dores e desafios da sociedade, promovendo justiça e evitando uma espiritualidade escapista.¹¹⁶ A profissionalização do teólogo, reconhecida por órgãos como o Ministério do Trabalho no Brasil (CBO Cód. 2631-15) ¹¹⁷, permite atuação em diversas realidades educacionais e sociais, embora o sacerdócio exija conversão e um período de ministério específico.¹¹⁸

A gestão eclesiástica enfrenta desafios constantes com novas leis, tecnologias, questões financeiras, transparência e gestão de conflitos.¹¹⁹ O crescimento expressivo de igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil, que representavam 52% dos estabelecimentos religiosos em 2021 ¹²¹, levanta questões sobre a preparação formal de líderes, especialmente em denominações como a Assembleia de Deus, onde indivíduos com baixa escolaridade são comissionados para iniciar novos trabalhos.¹²²

A interconexão entre o bem-estar pastoral e a saúde da igreja é um aspecto crítico. Os dados sobre depressão e burnout entre pastores – com 56% nos EUA e 82,5% no Brasil ¹⁰¹ – não são meras estatísticas individuais; eles refletem e impactam diretamente a saúde coletiva da igreja. Um líder esgotado ou com problemas de saúde mental dificilmente conseguirá pastorear um rebanho saudável e vibrante. A falta de apoio e reconhecimento ¹⁰³ é uma causa direta do abandono ministerial, com 76% dos pastores relatando conhecer colegas que deixaram o ministério devido a burnout.¹⁰¹

A percepção de um imenso estresse, solidão e falta de apoio ¹⁰³ conduz ao esgotamento e à depressão pastoral ¹⁰¹, o que resulta em uma diminuição da eficácia ministerial e, em muitos casos, no abandono do ministério, prejudicando a saúde espiritual e o crescimento da igreja. Por outro lado, o reconhecimento, o apoio e o cuidado holístico ¹¹¹ promovem a resiliência e a satisfação pastoral, o que contribui para uma liderança mais eficaz e uma igreja mais saudável e vibrante. Esta observação exige que as igrejas e denominações

invistam proativamente no bem-estar de seus líderes, oferecendo apoio psicológico, financeiro e espiritual. Implica a necessidade de uma cultura congregacional que valorize o pastor como ser humano, e não apenas como um "prestador de serviços" ¹²³, promovendo a mutualidade e o cuidado em vez de expectativas irrealistas.

A tensão entre a autoridade espiritual e a corrupção pelo poder é outro desafio significativo. A Bíblia confere autoridade aos ministros como despenseiros e embaixadores de Cristo (1 Coríntios 4:1, 2 Coríntios 5:20).⁶² No entanto, há um perigo constante de que essa autoridade seja pervertida pelo desejo humano de poder e dominação, como evidenciado pela rebelião de Coré ²⁶, a hipocrisia dos fariseus ⁴⁸ e os exemplos históricos de abuso de poder na igreja.⁷⁶

A distinção entre "ter um ministério" e "ser dado ao ministério" ¹ é fundamental para evitar essa corrupção. A liderança cristã, embora divinamente instituída, é constantemente vulnerável à corrupção pelo orgulho e pela busca de controle, a menos que seja firmemente ancorada na humildade, no serviço e na dependência do Espírito Santo. A falta de compreensão da natureza serva da liderança cristã ⁵⁰ e a cedência à tentação do poder ¹⁰⁷ levam à insubmissão à autoridade divina ²⁵ e à adoção de práticas controladoras ⁷⁸, o que resulta em divisões, escândalos e um ambiente eclesial não saudável.⁴⁶

Por outro lado, a humildade e a submissão a Cristo ⁵² e a dependência do Espírito Santo ⁷⁹ capacitam o líder a exercer uma autoridade saudável e edificante, que promove a unidade e o crescimento espiritual da igreja. Este aspecto ressalta a necessidade de uma formação teológica que enfatize a ética da liderança, a prestação de contas e a vigilância contra o orgulho. As igrejas devem estabelecer estruturas de governança que promovam a transparência e previnam a concentração excessiva de poder, incentivando a liderança compartilhada e o cuidado mútuo entre os líderes e o rebanho.

V. O Ministério da Missão e Evangelização: O Imperativo Global

A Grande Comissão e a Urgência da Seara

A Grande Comissão de Jesus Cristo, "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15) ¹²⁵, constitui o mandato central e inegociável da Igreja. Este imperativo missionário não é uma invenção humana, mas tem sua origem na própria missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio eterno do Pai.¹²⁶

A urgência da tarefa missionária é enfatizada pelas palavras de Jesus, que observou: "a seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros" (Mateus 9:37).¹²⁷ Ele exortou Seus discípulos a "rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara" (Mateus 9:38).¹²⁷ A metáfora da colheita é reforçada pela afirmação de que os campos "já estão brancos para a ceifa", indicando a prontidão e a necessidade imediata da colheita espiritual (João 4:35).¹²⁹

O desejo de Deus pela salvação de toda a humanidade é a força motriz por trás da missão. Deus "quer que todos os homens sejam salvos, e venham ao conhecimento da verdade", pois há um só Mediador, Jesus Cristo, que entregou Sua vida para redimir a todos de seus pecados (1 Timóteo 2:4-6).¹³⁰ A magnitude do amor divino é expressa em João 3:16: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".¹³²

O apóstolo Paulo personificou a urgência e a responsabilidade pessoal de cada ministro na proclamação do evangelho, declarando: "Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!" (1 Coríntios 9:16).¹³³ Esta exclamação reflete uma convicção profunda e um senso de dever inadiável.

Estratégias e Desafios da Obra Missionária

O papel da igreja local no envio e sustento de missionários é fundamental. A igreja em Antioquia, por exemplo, em um ato de adoração e jejum, foi divinamente instruída pelo Espírito Santo a separar Barnabé e Saulo para a obra missionária. Após jejum, oração e imposição de mãos, a igreja os enviou (Atos 13:2-3).¹³⁴ Este evento estabelece um modelo para o comissionamento missionário pela igreja local. A comunicação contínua entre missionários e a igreja era vital, com Paulo e Barnabé relatando "quão grandes coisas Deus fizera por eles, e como abrisse aos gentios a porta da fé" (Atos 14:27).¹³⁸ Além disso, a igreja tem a responsabilidade de receber e sustentar aqueles que saem em nome de Cristo, a fim de serem "cooperadores da verdade" (3 João 7-8).¹⁴⁰

A oração pela obra missionária é um pilar essencial. Paulo frequentemente solicitava que os irmãos orassem para que a palavra do Senhor tivesse livre curso e fosse glorificada, e para que fossem libertos de homens maus (2 Tessalonicenses 3:1-2).¹⁴³ As orações da comunidade são um auxílio vital para os missionários em suas tribulações e desafios (2 Coríntios 1:11).¹⁴⁵

A doutrina é o fundamento e o propulsor da obra missionária. Todo trabalho missionário é solidamente fundamentado na doutrina de Cristo, que é a "palavra" que gera fé e as "boas novas" de Jesus Cristo.¹⁴⁷ O evangelho é o "poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Romanos 1:16).¹⁴⁸ Paulo, como um sábio arquiteto, lançou o fundamento que é Jesus Cristo, sobre o qual outros edificam (1 Coríntios 3:10-11).¹⁴⁹

Tabela 2: Panorama do Crescimento Cristão e Desafios Missionários Globais

Categoria/Indicador	Dados Atuais (2022) / Projeções (2050)	Fonte Principal
Crescimento Global do Cristianismo		Status do Cristianismo Global 2022 ¹⁵⁰
Taxa de Crescimento Anual	1,17% (vs. Ateísmo 0,22%, Islamismo 1,93%)	¹⁵⁰
População Cristã Mundial	32,2% (2022); 34,2% (proj. 2050)	¹⁵⁰
Denominações Cristãs	46.600 (2022); 64.000 (proj. 2050)	¹⁵⁰
Crescimento por Região (Taxa Anual)		¹⁵⁰
África (Sul Global)	2,77%	¹⁵⁰
Ásia (Sul Global)	1,50%	¹⁵⁰
América Latina (Sul Global)	1,09%	¹⁵⁰
Europa (Norte Global)	0,06%	¹⁵⁰

América do Norte (Norte Global)	0,27%	150
Oceania (Austrália/ Nova Zelândia)	0,73%	150
Segmentos de Maior Crescimento		150
Pentecostais e Carismáticos	Quase 2% (últimos 20 anos)	150
Recursos Missionários		
Missionários Leigos no Mundo	410.440 (aumento global de 34.252)	Pascom Brasil 151
Principais Desafios da Obra Missionária		Cristo e Vida 152, Sepal 153
Apego a Crenças Próprias	Presente	152
Culturas e Idiomas Diferentes	Presente	152
Perseguição e Intolerância Religiosa	Presente	152
Falta de Recursos Financeiros	Presente	152
Distâncias Geográficas	Presente	152
Distanciamento Familiar e Problemas Emocionais	Presente	152

Doenças e Violência	Presente	152
Falta de Treinamento e Apoio	Presente	152
Maior Entrave: Falta de Obreiros Chamados	Presente	152
Evangelismo de quase Zero % em algumas nações	Presente	152

A Tabela 2 oferece um panorama detalhado do crescimento do cristianismo global e dos desafios enfrentados na obra missionária. Embora o cristianismo esteja crescendo a uma taxa de 1,17% ao ano, superando o ateísmo (0,22%), ele ainda cresce mais lentamente que o islamismo (1,93%).¹⁵⁰ A projeção é que a população cristã mundial atinja 34,2% até 2050.¹⁵⁰ O Sul Global, especialmente a África (2,77% anual), Ásia (1,50%) e América Latina (1,09%), lidera esse crescimento, enquanto o Norte Global apresenta taxas muito mais baixas.¹⁵⁰ Os pentecostais e carismáticos são os segmentos de maior crescimento, com quase 2% nos últimos 20 anos.¹⁵⁰

Apesar do número considerável de missionários leigos (410.440 globalmente)¹⁵¹, a obra missionária enfrenta barreiras significativas, incluindo o apego a crenças próprias, diferenças culturais e linguísticas, perseguição religiosa, falta de recursos financeiros, distâncias geográficas, problemas emocionais decorrentes do distanciamento familiar, doenças, violência e, criticamente, a falta de obreiros dispostos a assumir o chamado missionário, com evangelismo de quase zero por cento em algumas nações.¹⁵²

A disparidade entre o potencial da seara e a escassez de ceifeiros é um desafio proeminente. Embora o cristianismo esteja em crescimento global, especialmente no Sul Global, a lamentação de Jesus de que "a seara é grande, mas os ceifeiros são poucos" (Mateus 9:37-38)¹²⁷ ainda ressoa e é confirmada pela pesquisa que aponta a "falta de pessoas que assumam um posicionamento missionário" como o maior entrave.¹⁵²

Existe uma lacuna significativa entre a "seara branca para a ceifa" (João 4:35)¹²⁹ e a disposição ou capacitação de obreiros para a colheita. A percepção de que a "seara é

grande" ¹²⁷ sem um compromisso proporcional de "enviar ceifeiros" ¹²⁷ resulta em áreas não alcançadas ¹⁵² e impede a plena realização do desejo de Deus pela salvação de todos (1 Timóteo 2:4).¹³¹ A falta de mobilização e treinamento ¹⁵² contribui para a escassez de obreiros, o que, por sua vez, limita o impacto da Grande Comissão. Esta observação desafia as igrejas a transcender a mera membresia e o crescimento local para cultivar uma cultura missionária intrínseca, onde cada crente compreende seu papel no "Ide" (Marcos 16:15).¹²⁵ Implica a necessidade urgente de oração por mais obreiros, de discipulado intencional que leve ao envio, e de investimento em treinamento e sustento missionário para superar as barreiras físicas, culturais e emocionais.¹⁵²

A doutrina como fundamento e propulsor da missão genuína é outro ponto crucial. O trabalho missionário não se limita à atividade, mas se concentra na proclamação da "doutrina de Cristo" e do "evangelho" como o "poder de Deus para a salvação" (Romanos 1:16).¹⁴⁸ A eficácia da missão está intrinsecamente ligada à fidelidade à mensagem. A "doutrina" não é um mero conjunto de crenças, mas o fundamento sólido sobre o qual a obra é construída (1 Coríntios 3:10).¹⁴⁹ A pureza e a profundidade teológica do evangelho são indispensáveis para a sustentabilidade e o impacto transformador da obra missionária, distinguindo-a de meras iniciativas sociais ou culturais.

A negligência da sã doutrina (Tito 1:9) ⁸⁸ ou a falta de formação teológica ⁹¹ no preparo missionário pode levar à pregação de um evangelho distorcido ou superficial, o que resulta em conversões não genuínas e igrejas frágeis, comprometendo a missão a longo prazo. Por outro lado, a fundamentação sólida na doutrina de Cristo ¹⁴⁷ capacita os missionários a proclamar o evangelho com poder e clareza (Romanos 1:16) ¹⁴⁸, o que produz frutos duradouros e igrejas enraizadas na verdade, contribuindo para a expansão autêntica do Reino de Deus.

Este aspecto enfatiza que a missão não é apenas uma questão de "ide", mas de "ide com a mensagem certa". Sugere que as instituições de ensino teológico e as igrejas têm um papel crucial em garantir que os missionários sejam biblicamente sólidos e capazes de contextualizar a verdade sem comprometer sua essência. Isso também implica a necessidade de discernimento em relação a movimentos missionários que priorizam o pragmatismo sobre a fidelidade doutrinária.

VI. Avivamento Espiritual: O Poder Transformador no Ministério

Definição e Manifestações do Avivamento

O avivamento espiritual é um fenômeno teológico que se refere a um "despertar religioso" ou a um "processo de conversão espiritual motivado por Deus".¹⁵⁴ Ele se manifesta como uma profunda "renovação da fé", na qual o Espírito Santo reacende a paixão e o fervor pelo relacionamento com Deus.¹⁵⁵ As características primárias de um avivamento incluem uma intensa sede por Deus, um arrependimento sincero pelo pecado, a busca por santidade e a manifestação dos dons espirituais.¹⁵⁵ Este processo não é meramente uma experiência emocional passageira, mas uma transformação profunda que afeta tanto o indivíduo quanto a comunidade como um todo.¹⁵⁶ O clamor do profeta Habacuque, "Aviva a tua obra, ó SENHOR, no decorrer dos anos" (Habacuque 3:2) ¹⁵⁷, expressa a necessidade perene de um mover divino que revitalize a fé e a ação da Igreja.

O Espírito Santo é a fonte primordial de poder e ousadia no avivamento. A promessa de Jesus de que "rios de água viva correrão do seu ventre" para quem crê se refere à efusão do Espírito Santo que os crentes haveriam de receber após Sua glorificação (João 7:38-39).¹⁵⁹ O Dia de Pentecostes, conforme registrado em Atos dos Apóstolos, é o exemplo arquetípico de avivamento.

Os discípulos, perseverando unanimemente em oração no cenáculo (Atos 1:13-14) ¹⁶³, foram subitamente cheios do Espírito Santo, começando a falar em outras línguas e anunciando corajosamente a palavra de Deus, o que resultou na conversão de aproximadamente 3.000 almas (Atos 2:2-4, 41).¹⁶⁵ Posteriormente, após uma oração fervorosa, o lugar onde estavam reunidos tremeu, e todos foram novamente cheios do Espírito Santo, anunciando a palavra de Deus com ousadia e demonstrando uma notável unidade e graça abundante (Atos 4:31-33).¹⁷¹ A obediência a Deus é um pré-requisito fundamental para a recepção do Espírito Santo (Atos 5:32).¹⁷³

O Poder de Deus na Fraqueza Humana

A doutrina de que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza humana é central para a compreensão do avivamento e do ministério. O apóstolo Paulo testemunhou que a graça de Deus lhe era suficiente, pois o poder de Cristo "se aperfeiçoa na fraqueza", levando-o a gloriar-se em suas fraquezas para que o poder de Cristo repousasse sobre ele (2 Coríntios 12:9-10).³⁴ Este princípio reforça a ideia de que Deus, em Sua soberania, utiliza os imperfeitos para manifestar Sua glória e poder.

A história bíblica e eclesiástica está repleta de exemplos de avivamentos e seus impactos transformadores:

- **Pentecostes (30 d.C.):** Conforme mencionado, o derramamento do Espírito Santo resultou na conversão de 3.000 pessoas, marcando o nascimento da Igreja.¹⁵⁴
- **Nínive (Livro de Jonas):** A pregação de Jonas, embora relutante, levou a cidade inteira de Nínive ao arrependimento e à humildade, e Deus, em Sua graça e misericórdia, poupou a cidade.¹⁷⁶
- **Grandes Despertamentos (Séculos XVIII e XIX na América do Norte):** Movimentos liderados por pregadores como Jonathan Edwards e George Whitefield transformaram a cultura religiosa da América do Norte, resultando em um aumento significativo do interesse pela Bíblia e na fundação de inúmeras igrejas e instituições cristãs. Estatisticamente, a "Ala Nova" (avivada) de pastores cresceu de 22 para 73 entre 1741 e 1758, enquanto a "Ala Velha" (não avivada) diminuiu de 27 para 23, ilustrando o impacto do avivamento no crescimento eclesiástico.¹⁷⁶

O avivamento espiritual, como uma profunda transformação individual e comunitária, tem um impacto direto na evangelização e nas missões. Ele impulsiona um renovado compromisso com a Palavra de Deus e a proclamação do evangelho.¹⁵⁶ Pode gerar um "impulso a mais" para a plantação de igrejas e o avanço missionário.¹⁷⁸ O objetivo de dar muito fruto, que glorifica o Pai e demonstra a verdadeira discipulada de Jesus (João 15:8)¹⁷⁹, é um resultado direto do avivamento. Paulo, que se considerava o "pai" dos coríntios na fé por tê-los gerado pelo evangelho (1 Coríntios 4:15)¹⁸³, exemplifica a capacidade do avivamento de gerar "filhos espirituais".

Finalmente, o poder na pregação do evangelho é uma manifestação intrínseca do avivamento. A pregação não deve se basear em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em "demonstração do Espírito e de poder", a fim de que a fé dos ouvintes se apoie no poder de Deus, e não na sabedoria dos homens (1 Coríntios 2:4-5).¹⁸⁵ As "armas da nossa milícia" cristã não são carnis, mas "poderosas em Deus para destruição das fortalezas", capazes de destruir argumentos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus (2 Coríntios 10:4-5).¹⁸⁷

O Espírito Santo é o catalisador indispensável para o ministério e o avivamento genuíno. A narrativa bíblica e os exemplos históricos demonstram que o avivamento ¹⁵⁴ e a eficácia

ministerial (Atos 1:8) ⁷⁹ estão intrinsecamente ligados à atuação do Espírito Santo. Ele é a fonte de poder, ousadia e transformação (Atos 2:4, Atos 4:31).¹⁶⁷ A ausência do Espírito Santo significa a ausência de vida e poder genuínos no ministério. A busca sincera por Deus e o arrependimento ¹⁵⁵ levam à manifestação do Espírito Santo (Atos 2:4, João 7:38) ¹⁵⁹, o que capacita os crentes a proclamar o evangelho com ousadia e a produzir frutos espirituais. Esta dependência do Espírito Santo é o fator mais crítico para a vitalidade e a frutificação do ministério e da igreja, superando qualquer estratégia humana ou carisma pessoal. A busca por avivamento, portanto, não é uma busca por emoções, mas por uma renovação da dependência do poder divino que capacita o serviço e a missão.

Conclusões

O ministério cristão, conforme analisado teológica e pragmaticamente, revela-se uma dádiva divina intrinsecamente ligada ao propósito eterno de Deus. Não é uma vocação auto proclamada, mas um chamado soberano que capacita indivíduos imperfeitos para a realização de Seus planos. A análise demonstra que a eficácia do ministério não reside na capacidade humana, mas na capacitação divina, com a fraqueza humana servindo como um canal para a manifestação do poder de Deus. A validação comunitária e a oração são elementos cruciais no discernimento e na sustentação do chamado, protegendo contra ministérios baseados no orgulho e na insubmissão.

A essência do serviço cristão é definida por uma fé genuína que se manifesta em obras, não como meio de salvação, mas como evidência de um relacionamento autêntico com Cristo. O modelo de Jesus, o Servo por excelência, estabelece a humildade e o sacrifício como pilares inegociáveis, contrastando com a busca por glória pessoal e dominação que historicamente tem corrompido a liderança religiosa. A distinção entre "ter um ministério" e "ser dado ao ministério" é vital para evitar o abuso de poder e promover uma liderança que edifica o corpo de Cristo.

Os desafios contemporâneos enfrentados pelos líderes ministeriais, como o burnout (atingindo 82,5% dos pastores no Brasil) e a depressão (56% nos EUA), sublinham a interconexão crítica entre o bem-estar pastoral e a saúde da igreja. A falta de apoio e reconhecimento congregacional é um fator significativo para o abandono ministerial, exigindo uma reavaliação das expectativas e um investimento proativo no cuidado holístico dos líderes. A tensão entre a autoridade espiritual e a tentação do poder

demanda estruturas de governança que promovam a transparência e a prestação de contas, incentivando uma liderança serva e compartilhada.

O ministério da missão e evangelização emerge como o imperativo global da Igreja, impulsionado pelo desejo divino de que todos sejam salvos. A Grande Comissão, embora enfrente desafios como barreiras culturais, perseguição e a escassez de obreiros, é fundamentalmente sustentada pela doutrina de Cristo e pela oração contínua da comunidade. A disparidade entre a vasta "seara" e os poucos "ceifeiros" destaca a urgência de mobilização e treinamento, com a doutrina servindo como o fundamento e propulsor da missão genuína, garantindo a pureza e o impacto transformador do evangelho.

Finalmente, o avivamento espiritual é apresentado como o poder transformador no ministério, manifestado por uma sede por Deus, arrependimento e a efusão do Espírito Santo. O Espírito Santo é o catalisador indispensável que capacita os crentes com ousadia e poder, aperfeiçoando o poder de Deus na fraqueza humana. Exemplos bíblicos e históricos demonstram que o avivamento impulsiona a evangelização, gera frutos espirituais e fortalece a pregação do evangelho, reiterando que a dependência do Espírito é a chave para a vitalidade e frutificação do ministério e da Igreja no século XXI.